

POEMAS NAS REDES SOCIAIS: A INSTAPOESIA DE RYANE LEÃO**POETRY ON SOCIAL MEDIA: INSTAPOEMS BY RYANE LEÃO****DOI 10.70860/ufnt.entreletras.e18717****Miriam Bauab Puzzo¹**

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir a poesia veiculada no *Instagram*, denominada instapoesia, como um gênero discursivo que tem permitido a produção de mulheres, elas, afrodescendentes que encontram espaço para veicular sua produção poética. A teoria que sustenta este artigo está fundamentada no conceito de gênero discursivo, na perspectiva de Bakhtin e do Círculo, em específico os conceitos de autoria, estabilidade relativa do gênero, estilo e cronotopia. Para cumprir esta proposta foram selecionados instapoemas de Ryane Leão publicados no livro impresso *Jamais peço desculpas por me derramar* (2019) para analisar o gênero e o estilo dos instapoemas.

Palavras-chave: gênero discursivo; instapoesia; estilo; cronotopia

Abstract: The objective of this article is to discuss poetry published on Instagram, called instapoetry, as a discursive genre that has allowed the production of women, including Afro-descendants who find space to broadcast their poetic production. The theory that supports this article is based on the concept of discursive genre, from the perspective of Bakhtin and the Circle, specifically the concepts of authorship, relative stability of the genre, style and chronotopy. To fulfill this proposal, instapoems by Ryane Leão published in the printed book *Jamais peço desculpas por me derramar* (2019) were selected to analyze the genre and style of the instapoems.

Keywords: discursive genre; instapoetry; style; chronotopy

Introdução

A época atual, constituída pela rapidez e dinamismo das transformações sociais e tecnológicas, tem estimulado a produção independente de autores no meio digital, tornando possível a expressão de sujeitos antes desconhecidos. Desse modo, por meio do *Instagram*, tais autores tornam-se relevantes para um grupo de seguidores nas redes sociais. Sob esse aspecto, surge um espaço de divulgação da literatura produzida tanto por autores já consagrados pela sua produção impressa quanto por jovens iniciantes, desconhecidos do público e que procuram

¹Professora do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté, Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada, Mestre em Literatura Brasileira. E-mail: puzzo@uol.com.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0046-7159>.

fazer-se ouvir nas redes sociais. Como discute Flores no artigo “Literatura Eletrônica de Terceira Geração”, a literatura tradicional volta-se para a escrita em mídia eletrônica e digital por meio de recursos propiciados pela tecnologia moderna como a computação, a multimídia e a interatividade, além de uma variedade de dispositivos de entrada, dados em rede e a própria cultura digital, favorecendo a literatura eletrônica, principalmente a terceira geração. (Flores, 2021). De acordo com o autor, essa nova geração, ao contrário das gerações anteriores, cujos autores já eram conceituados pela escrita, é constituída por jovens desconhecidos que passam a compor textos e poemas nas redes sociais, tornando-se escritores de sucesso, autodenominados instapoetas por propagarem seus poemas pelo *Instagram*. Essa facilidade que as redes proporcionam aos internautas permite que se expressem e se conectem com um público mais amplo e participativo.

É o caso de jovens mulheres, muitas vezes, discriminadas no contexto social que se lançam nas redes sociais. Diante do sucesso obtido nas redes pelo número de seguidores que passam a acompanhá-las, essa nova geração, consegue editar sua produção na mídia impressa, em função do sucesso obtido nas redes sociais, tendo como interlocutores um público jovem, afeito ao mundo digital. Um exemplo significativo é o de Rupi Kaur, escritora internacional e no Brasil Ryane Leão, autora consagrada pela publicação de livros, numa coletânea de sua produção digital.

Diante deste contexto, este artigo tem por objetivo discutir a questão do gênero poético produzido nas redes sociais, denominados instapoemas. Para discutir essa nova forma de produção de poemas, parte-se dos conceitos bakhtinianos de gênero discursivo da esfera literária, entendido em suas especificidades temática, composicional e estilística, e sua recepção. Procura-se observar a peculiaridade dessa produção poética, em sua relação com a poesia entendida como gênero e em específico seu estilo. Também é possível atribuir a essa nova forma de publicação nas redes o aparecimento de uma geração de autoras silenciadas pelas restrições sociais e pela dificuldade de acesso aos meios de produção. Nesse espaço livre, todas as pessoas, independentemente de cor, idade, gênero, podem se destacar como produtoras de poesia, cujo sucesso é marcado pela resposta dos seus seguidores. É o caso de Ryane Leão, uma afrodescendente, professora que se projeta nesse espaço público e pelo sucesso obtido pelos internautas torna-se uma autora de livros de sucesso como *Tudo nela brilha e queima* (2017) e *Jamais peço desculpas por me derramar: poemas de temporal e mansidão* (Leão, 2019).

Com este objetivo, este artigo está organizado em seções. A princípio discute-se o conceito de gênero discursivo em especial a poesia e a instapoesia; as especificidades do gênero

na perspectiva discursiva bakhtiniana, a seguir a instapoesia e seu caráter de divulgação internacional; o estilo dos instapoemas de Ryane Leão com a análise de dois poemas. Por fim as considerações finais a respeito deste tipo de produção poética. Sob esse aspecto o conceito de gênero discursivo em sua estabilidade relativa é observado numa perspectiva cronotópica em relação à manifestação da poesia medieval das cantigas de amigo transmitidas pelos jograis em praça pública. A substituição da execução ao ar livre pelas redes sociais de instapoemas elaborados e difundidos pelas próprias autoras propicia a exposição de conflitos sociais que motivam sofrimento e superação antes silenciados. Nos instapoemas de Ryane Leão surge a imagem de um eu lírico que não se entrega à dor e cujo sofrimento se transforma em força renovadora. O silenciamento é rompido pela voz forte de mulher e se torna motivo de compartilhamento nas redes sociais.

1 Conceito de gênero e estilo na perspectiva bakhtiniana

O conceito de gênero tem sido discutido desde a antiga Grécia com a conceituação aristotélica dos gêneros lírico, épico e retórico. Ao longo do tempo, tal conceituação clássica foi se transformando em função do desenvolvimento social. Essa divisão genérica clássica manteve-se no espaço de produção literária, pelos escritores que se agrupavam em torno das tendências culturais literárias – as escolas específicas de cada período tinham normas e tendências comuns que serviam de inspiração aos autores, apresentando características atualizadas em função de cada época: Medieval, Renascimento, Classicismo, Barroco, Arcadismo, Romantismo, Modernismo e Contemporânea.

Nesse modelo, os gêneros literários ficavam restritos a uma elite de autores e leitores, com exceção da época Medieval em que a poesia cantada pelos jograis tinha uma difusão mais ampla, como as cantigas de amor, de amigo e de maldizer. Apesar de serem produzidas por trovadores, geralmente nobres, havia um espaço de produção registrando os conflitos, os desejos e o comportamento amoroso das mulheres em geral, nas cantigas de amigo, que, apesar de serem a princípio cantadas pelos jograis, foram impressas posteriormente. As cantigas de amigo expressavam o conflito e o sentimento das mulheres, embora compostas e interpretadas por homens trovadores e jograis.

Com o Renascimento, novas formas de produção surgiram ainda sem definição que só foi estabelecida a partir do Classicismo e desde então a literatura ocupou um espaço restrito de escritores e leitores a partir do desenvolvimento da imprensa. Desse modo, a literatura oral dos jograis foi substituída por outras formas de fruição literária.

Assim a poesia clássica como gênero literário é conceituada por normas que servem de orientação aos poetas a respeito dos temas, da forma composicional e do estilo em função das tendências estilísticas de cada época literária, reproduzindo os modelos estabelecidos pelos críticos. Com o Romantismo houve uma ruptura de modelos em benefício da subjetividade autoral. Essa tendência libertadora possibilitou o desenvolvimento dos gêneros de acordo com a expressividade subjetiva decorrente da genialidade e inspiração do autor. A partir desse movimento, a multiplicidade de gêneros foi se ampliando em função do desenvolvimento social: industrialização, mecanização, tecnologia, meios de comunicação, informatização até os dias atuais.

Diante desse contexto, os gêneros antigos tornaram-se anacrônicos ante a nova realidade sócio cultural. A comunicação deslocou-se do texto escrito para o sonoro, visual e imagético e o desenvolvimento dos meios de comunicação entre eles o rádio, a televisão e o computador alteraram a forma de interação entre os seres humanos no contexto social, assim como alteraram a forma de produção interativa e integrada denominada “convergência”. De acordo com Jenkins (2009). Em decorrência dessa dinâmica comunicativa, impôs-se a necessidade de rever os conceitos de gênero na comunicação social. Desde o início do século XX, um grupo de filósofos, linguistas, críticos literários, conhecido como Círculo bakhtiniano, repensam o conceito de gênero associado ao contexto social imediato.

Partindo da oralidade como fonte original da comunicação, Bakhtin e o Círculo respondem essa questão. Consideram a linguagem como sistema interativo, portanto dialógico e ininterrupto e, como consequência, repensam o conceito de gênero fundamentado no texto escrito apenas já na primeira metade do século XX.

De acordo com a concepção bakhtiniana, o gênero desloca-se do texto ao discurso como uma cadeia ininterrupta de enunciados que respondem aos enunciados passados no presente e se projetam nas futuras respostas enunciativas. Sob esse aspecto, o contexto social imediato integra a constituição dos gêneros agora considerados discursivos abrangendo as novas formas de comunicação no contexto social. Os conceitos de linguagem, interação, esfera de produção, circulação e recepção distanciaram-se dos modelos genéricos instituídos e estabilizados. Como consequência, deslocou-se o conceito normativo textual, necessário como norma, mas passível de adaptação ao contexto imediato, à proposta comunicativa autoral e ao público destinatário.

Dessa forma, o conceito de gênero, a partir da obra de Bakhtin *Gêneros discursivos* (2016[1953]), lançou nova luz sobre a produção de enunciados de todas as esferas de produção circulação e recepção, permitindo observar as peculiaridades dos enunciados concretos que se

manifestam não apenas na linguagem escrita, mas em todas as formas sígnicas, tais como as imagens visuais, sonoras, plásticas, gestuais que se apresentam pelos signos ideológicos na perspectiva de Volóchinov (2017[1929]). De acordo com o linguista, toda forma de comunicação é constituída por signos ideológicos, não apenas verbais, mas constituídos por outros tipos de signos. Para o autor não existe comunicação sem a presença dos signos ideológicos. Portanto a linguagem humana tem como matéria expressiva, não apenas a palavra escrita, mas toda forma de linguagem como expressão para compor os enunciados concretos que constituem os gêneros discursivos.

Conforme discute Bakhtin (2016), nós nos expressamos por meio de gêneros discursivos primários e secundários que são assimilados pelo uso e reproduzidos pelos falantes sem que saibam muitas vezes o que seja o gênero em que se expressam na vida diária. Esse processo de comunicação oral foi considerado como a primeira condição para comunicação mais elaborada que se torna mais complexa. Desse modo, a conceituação do gênero deslocou-se do campo literário para ser observado na comunicação humana em geral como objeto de estudo e de particularização de seus componentes intrínsecos.

Como discute Bakhtin (2016), todas as formas de comunicação se concretizam por meio dos gêneros discursivos simples (na vida diária) ou complexos (quando passam pelo processo de elaboração). Tendo em vista a necessidade de especificar as peculiaridades constitutivas desses gêneros, o pesquisador, além de determinar os componentes essenciais como o tema, a forma composicional e o estilo do gênero, também aponta características especiais como o estilo do autor e sua proposta comunicativa que atua sobre o estilo genérico em função do contexto social, do destinatário e do objetivo comunicativo. Também considera outras questões negligenciadas, até então, como a conclusibilidade, a responsividade, o tom que explicita o posicionamento valorativo do enunciador.

Sob essa perspectiva, analisar um gênero implica observar não apenas a forma, mas o seu estilo a partir da intervenção autoral para a concretização de sua proposta comunicativa. Em função de sua relação com o contexto social, o autor também expressa seu modo de ver o mundo, seus valores como resposta pessoal diante do contexto social de que participa. Além disso, o direcionamento dado pelo autor ao destinatário de seu enunciado é fundamental para sua concretização.

Em consonância com essa conceituação, observa-se que o gênero discursivo decorre de um processo relacional, considerando não apenas o destinatário, como também o contexto social que atua do exterior para o interior do enunciado possibilitando sua atualização e

adaptação ao momento sócio-histórico. Portanto o gênero sofre adaptações em função de sua relação com o espaço e o tempo, em seu desenvolvimento cronotópico. Para entender e conceituar o gênero, Bakhtin parte do romance como gênero literário recente, investigando sua origem, já que entende o processo comunicativo como uma cadeia ininterrupta de assimilação e transformação em função das necessidades e das relações dialógicas que o autor estabelece com o contexto social e seu público destinatário. Por essa investigação, Bakhtin observa como gêneros antigos são incorporados e modificados integrando um novo gênero como o romance.

Nesse processo analítico, Bakhtin destaca as peculiaridades dos gêneros discursivos e sua transformação no decorrer do tempo e do espaço, em função das novas necessidades surgidas pelo desenvolvimento social, econômico tecnológico e cultural.

Como pontua Bakhtin (2016, p. 20-21)

Em cada época da evolução da linguagem literária, o tom é dado por determinados gêneros do discurso, e não só gêneros secundários (literários, publicísticos, científicos) mas também primários ...Toda ampliação da linguagem literária à custa das diversas camadas extraliterárias da língua nacional está intimamente ligada à penetração da linguagem literária em todos os gêneros... em maior ou menor grau, também dos novos procedimentos de gênero de construção da totalidade do discurso, de seu acabamento, da inclusão do ouvinte ou parceiro....o que acarreta uma reconstrução e uma renovação mais ou menos substancial dos gêneros do discurso.

Tendo em vista essa concepção do gênero discursivo, Bakhtin procura explicitar de modo mais completo considerando as relações sociais e o contexto imediato de produção comunicativa. Dessa forma, é possível observar a instapoesia e os instapoetas como resultado de um momento social em que a tecnologia moderna, amplifica os espaços enunciativos e as possibilidades de fala independente do sistema regido por empresas de publicação. A restrição enfrentada diante das editoras é superada pela divulgação de produções independentes de autores ainda desconhecidos e sem referência nas redes sociais. Novos autores, novos temas e nova linguagem são fatores preponderantes para entender esse gênero poético que sofre alguma alteração pelas plataformas digitais, evidenciando novo sistema de produção, recepção e circulação. A primeira e mais importante é a possibilidade de expressão de pessoas comuns que colocam em evidência sua voz e sua perspectiva em função de seus conflitos socioculturais. Muitas mulheres discriminadas pela cor da pele, pela origem simples, pela cultura popular encontram espaço para se manifestar. Também surgem jovens leitores, amantes da literatura e da poesia que se lançam como autores nas plataformas digitais e conquistam um número enorme de seguidores que se tornam o público alvo desse gênero digital e que estimulam a publicação

da produção difundida pelas redes sociais. É o caso de João Doederlin, conhecido como Akapoeta e que começou a produzir poemas nas redes sociais ainda na adolescência. E hoje, adulto é um professor que se tornou um autor conhecido que publica livros impressos referentes a sua produção no *Instagram*.

Desse modo, a instapoesia torna-se um gênero de literatura pop em que os autores, homens ou mulheres, expressam seus conflitos e sua percepção existencial. Sob esse aspecto, esse tipo de poesia, que trata dos problemas amorosos, corriqueiros ou mesmo físicos, são expressos na voz de pessoas que procuram espaço para compor poemas, resultantes de seus conflitos. A instapoesia, atingindo pela plataforma digital um público amplo, como se fosse a antiga praça pública, estabelece relação com as cantigas medievais, não mais cantadas, ou declamadas, mas expressas pela verbo-visualidade, facilitada pelo *Instagram*. Os temas não se restringem ao sofrimento individual, subjetivo apenas, mas tocam questões existenciais decorrentes dos embates sociais coletivos, como a questão de gênero, da maternidade, da desilusão amorosa. Também decorrem de conflitos sociais vivenciados pela exploração, pela discriminação da cor, cujas raízes estão sedimentadas pela escravidão colonial. Os temas, portanto, dizem respeito ao sofrimento do sujeito lírico, mas partilhado pela comunidade, como a de quilombolas, que ainda sofrem as consequências do preconceito racial.

No que tange às instapoetas, os temas dessa produção de arte pop dizem respeito aos conflitos enfrentados pelas mulheres, entre elas a sexualidade, a maternidade, o próprio corpo, as novas formas de organização familiar, questões sociais vistas como tabu. Também dizem respeito à coletividade e não somente aos conflitos individuais.

2 A instapoesia e a produção internacional

Essa nova forma de produção e circulação de textos poéticos é um movimento internacional que conta com autores representativos no contexto social como Paulo Gambi, de nacionalidade italiana, um escritor que migrou para as redes sociais, Alicia Cook, que explora questões de depressão e vício, Rupi Kaur que ilustra seus poemas com imagens plásticas criando uma relação lírica com o poema numa unicidade temática e expressiva.

Em seu trabalho investigativo desse novo meio de composição de poemas, Ana Karla de Souza Pimenta Domingos (2021), em sua dissertação de mestrado, considera a instapoesia um fenômeno artístico que ampliou o cenário literário mundial, ressignificou a poesia, incentivou o crescimento de seu consumo dentro e fora da esfera digital, e promoveu discussões acerca de temas sociais relevantes da sociedade contemporânea.

Sob esse aspecto, a linguagem poética da instapoesia apresenta versos curtos com ritmo encadeado, numa linguagem direta com as imagens visuais de impacto imediato, sem grandes recursos como os empregados na literatura e na poesia tradicional. Os autores nesse espaço digital, exploram a liberdade de expressão ressignificando esse gênero literário de modo híbrido, articulando texto e imagem, prosa e verso. Como explicita o Editorial do Portal Independente, este tipo de produção poética atual procura novos meios de divulgar seus poemas nas redes sociais por meio do instagram, o que surpreende pelo fato de esta plataforma ser inicialmente indicada para compartilhamento.

De acordo com o comentário do artigo: Muitos desses autores nas redes aprendem conceitos de marketing digital, ferramentas de análise de algoritmos e técnicas de SEO com o intuito de divulgação de sua produção. Como consequência, muitos instapoetas possuem seguidores digitais e encontram em seus fãs um público determinado, que estimulam a publicação de seus primeiros livros impressos.

É o que ocorre com a instapoeta Ryane Leão. Com seus instapoemas publicados nas redes, conquistou um número significativo de seguidores de seus textos, levando-a a publicar seu primeiro livro em 2017. Logo em seguida, seus instapoemas posteriores, de grande sucesso de público, foram editados e publicados sob o título *Jamais peço desculpas por me derramar*: poemas de temporal e mansidão em 2019. Alguns instapoemas são acompanhados de ilustrações elaboradas por Laura Athayde. Neste caso, o diálogo mantido entre as partes forma um conjunto significativo. A partir dos poemas verbais, Athayde procura reproduzir em imagens visuais o sujeito lírico representado nos poemas, diferenciando de outros instapoetas responsáveis pelas imagens e pelo texto como os de Rupi Kaur.

3 A voz da mulher e suas peculiaridades nas redes sociais

O desenvolvimento social e o acesso à comunicação nas redes sociais possibilitaram a manifestação das mulheres antes condenadas ao silenciamento pela falta de condições e de canais em que pudessem se expressar. A partir dos novos meios de comunicação e difusão, novas formas de produção poética surgiram alterando os modelos clássicos na voz de mulheres empoderadas como a indiana naturalizada canadense, Rupi Kaur, que faz a ilustração dos próprios poemas. Sua produção difundida pelo *Instagram* alcançou leitores(as) antes inimagináveis. Tal divulgação permitiu a publicação de seus poemas em livros traduzidos no Brasil, entre eles: *Outro jeito de usar a boca* de 2014. *O que o sol faz com as flores* de 2017, *Meu corpo minha casa*, de 2020. Em 2021 lançou um livro que apresenta na capa o esboço de

uma mulher de costas sentada com o dorso nu e os cabelos trançados deslizando sobre suas costas. A ilustração acompanha o título em forma de poema *Todo lo que necesito existe ya em mi*. Outros exemplos, já publicados em livro, ilustram essa forma de expressão articulando a linguagem verbal a outras formas de manifestação da linguagem. Os poemas publicados em livro exploram a visualidade, a sonoridade o desenho sem cores, como um esboço delicado.

Este modelo genérico de difusão internacional encontrou eco no Brasil, permitindo a expressão de mulheres negras e de minorias que não tinham espaço para se manifestar. Entre muitas instapoetas, destaca-se Ryane Leão que se declara negra e lésbica. É cuiabana e professora, mora em S. Paulo e publica seus escritos na página intitulada *onde jazz meu coração*. Também recita seus poemas em saraus e slams.

Ryane é ativista, comprometida com as mulheres, com uma participação significativa na comunidade de autoras. Fez parte da antologia “querem nos calar”, que reuniu quinze poetas mulheres de todas as regiões do Brasil. Conforme explica em entrevista a Daniela Arraes, de 28 de outubro de 2019 na revista *Trip*:

A gente cresce achando que nossas narrativas não são importantes. E são. Precisamos continuar a pesar no mundo. Se entenda primeiro. Saiba sua verdade, se você está pronta para encará-la, se está pronta para ser reflexo de outras pessoas. Escrita é processo de encontro, de cura. Você não precisa se encontrar perfeitamente para começar, não acho que tem linha de chegada nesse processo, estamos em constante transformação. Prossiga sabendo quem você é. Mais importante do que entender o mundo é saber quem a gente é.

Seus poemas nas redes sociais alcançaram o sucesso de público, resultando em sua publicação em livros entre eles, *Tudo nela brilha e queima*, seu primeiro livro publicado pela editora Planeta em 2017. Logo a seguir, publica *Jamais peço desculpas por me derramar*: poemas de temporal e mansidão de 2019, com ilustração de Laura Athayde. Na orelha do livro como apresentação, está o poema sem título:

hoje escutei do ódio ao amor
e guardei somente o que me condiz
eu sou uma mulher que ainda bota fé
que coração é maré alta
melhor saber quem sou do que
tentar compreender o mundo
assim vou matando as vozes alheias
uma a uma
e descobrindo sozinha
minha condição

tudo bem ser mansidão
(Leão, R. *Jamais peço desculpas por me derramar*, 2022).

Nessa apresentação, há uma proposta poética delineada na voz de mulher empoderada pela sua potência entonacional que percorre todo o conjunto de poemas que compõe a obra.

Embora os instapoemas sejam peculiares das redes sociais, ao fazer a seleção a partir de uma obra impressa desloca-se o suporte, mas a proposta autoral permanece. A ilustração da obra escrita elaborada pela ilustradora e não pela autora, procura dialogar com a figura do sujeito lírico representado nos poemas. Assim, o esboço das figuras de mulher, registradas na obra impressa, captam as faces que se delineiam nos poemas. Como as imagens abaixo demonstram.



Nessa sequência que obedece a ordem em que as imagens aparecem no livro, Laura procura captar as representações do sujeito lírico que se manifesta nos poemas. A primeira ilustração, na página 9, sugere a natureza delicada evidenciada no gesto de apontar para o desenho das folhas que parecem brotar de suas costas, acompanhando os versos de abertura “todas as revoluções/que desejo/começam em mim”. A imagem do corpo nu constitui um signo ideológico significativo no contexto social contemporâneo. A nudez que se revela nas cinco imagens sequenciadas procura valorizar o corpo feminino despojando-o de ornamentos. São imagens impositivas de empoderamento da mulher pelo próprio corpo. A segunda imagem, na página 45 sugere a natureza do sujeito lírico exposta às intempéries, com nuvens carregadas sobre sua frente, e em sua mão sustenta um barquinho como se estivesse a protegê-lo. O barquinho pode remeter aos sonhos, ao desejo de vagar sem destino, como recurso para escapar dos conflitos existenciais. Logo após, na página 69 a imagem de uma mulher nua recostada numa armação oval em posição uterina, como se estivesse se protegendo do mundo exterior. Já rompendo a solidão, a imagem da página 103 apresenta os laços afetivos que se estabelecem entre duas figuras femininas de etnias contrastantes: branca e preta, sugerindo a dualidade e o

relacionamento amoroso entre elas. Por último, na página 133, a imagem dialoga com os versos que abrem esse conjunto: “eu sou poeira de estrela/ o que me ancora é pó/ou brilho” (p.132). Como essa sequência sugere, a ilustração do livro demonstra a resposta da artista plástica em relação aos poemas que se agrupam com características temáticas comuns. Portanto as imagens representam respostas aos poemas e provocam os interlocutores a responder aos apelos imagéticos e verbais configurados nos poemas. Sugerem significados múltiplos que tocam questões sociais, coletivas no atual contexto, exigindo respostas a esses apelos.

A seguir discutem-se os poemas do livro, *Jamais peça desculpas por me derramar*: poemas de temporal e mansidão.

4 O individual e o coletivo

O título do livro sintetiza o tom adotado na composição dos poemas pela expressividade do sujeito lírico em cada um dos textos-poemas. Não há títulos para cada um deles que seguem numa sequência sem que se perceba o início e o fim de cada um. Apenas algumas setas sinalizando a continuação na página seguinte podem servir de roteiro para a leitura. As metáforas “temporal” e “mansidão” são recorrentes como expressão de um sujeito lírico que transita entre sentimentos extremos de doçura e agressividade. Dois poemas ilustram essa oscilação entre os dois polos que permeiam as imagens antitéticas enfatizadas pelo tom incisivo que percorre os versos. O exemplar a seguir pode comprovar essa dualidade lírica:

 você precisa ser mais parecida com a água
 não tem que ser porto seguro a todo instante
 pode ser correnteza e aproveitar para levar algumas coisas embora
 pode ser onda grande no oceano e afogar o que já não importa
 se desfazer nas margens
 em grandes pedras
 ultrapassá-las
 pra notar que nada te impede
 vez em quando virar cachoeira
 daquelas enormes e inalcançáveis
 ou então lagoa calma mas distante
 só nada quem pegar a trilha
 você pode ser aquele fluxo de água que desce entre
 as frestas de uma rocha
 e mostra que algumas rachaduras são necessárias
 para que a beleza nasça
 quente ou fria
 abundante ou serena
 jamais peça desculpas por se derramar
(Leão, 2019, p.64).

Sem título que sintetize o tema, comum nas coletâneas já publicadas pelos autores conceituados no panteão literário, o poema dialoga com o título do livro, expandindo as relações paradoxais entre violência reativa contra a calma e a serenidade necessárias em momentos de fruição vital. A linguagem também, próxima da coloquialidade, evidencia o desdobramento do sujeito lírico dirigindo-se a um interlocutor não identificado. Esse recurso simula um relacionamento identitário entre a figura autoral do eu-lírico e o outro seu semelhante, em contato direto, como se fosse uma proposta de ação. O tratamento coloquial apresenta essa proposta de ação ambígua entre os sentimentos reativos mais concretos e duros. As metáforas compostas por elementos naturais de bloqueios, de obstáculos, como “pedra”, “rocha”, “cachoeira” em oposição ao fluxo de água que possibilita destruir ou superar tais barreiras pela serenidade e percepção da beleza que ameniza os conflitos existenciais do sujeito lírico. Esse fluxo vital de fruição da beleza permite o relaxamento da tensão com que o sujeito lírico luta na superação dos entraves enfrentados ao longo do tempo. O diálogo que estabelece com o outro é bastante simbólico, pois ao se dirigir diretamente ao interlocutor a relação eu-outro se expande para a coletividade. As figuras sólidas como signo ideológico remete aos entraves, embates sofridos tanto no plano individual de sofrimento como no plano coletivo de uma comunidade resiliente.

Na página seguinte do livro, encontramos outro poema que ressalta a oscilação comportamental do sujeito lírico cuja indicação encontra-se já no próprio título do livro:

eu que já falei sobre mares
furacões
vendavais
riachos
e transbordamentos

escrever pra você é ainda mais intenso

eu que já andei
em caco
em fogo
em prego
e metal quente

eu não estou acostumada a ser leve
mas você me mostra
que podemos nos identificar
além da dor

por isso me entrego
ímpetuosa
na mansidão
(Leão, 2019, p. 65).

Observa-se nesse instapoema as metáforas constituídas por elementos naturais potentes, caracterizados tanto pela força da natureza violenta “furacões”, “vendavais”, “riachos” e “transbordamentos”, quanto da rigidez dos objetos em sequência gradativa, que indicam um percurso vital tortuoso e sofrido que constitui o solo por onde os pés do sujeito lírico caminham, “caco”, “fogo”, “prego” e “metal quente”. Nessa sequência, revela-se o caráter resistente a essa força dolorosa que atinge o sujeito lírico. Em contraposição, há a esperança de tranquilidade “mansidão”.

Esse tipo de poesia confessional apresenta questões sociais vistas como tabu, entre elas as novas dinâmicas familiares, a conscientização da saúde mental, as diversas formas existentes de sexualidade, o modo como mulheres percebem o próprio corpo...

Sob esse aspecto, os temas predominantes nos poemas de Ryane dizem respeito aos desafios enfrentados pelos conflitos sociais e as imagens recorrentes evidenciam os embates entre as dificuldades representadas por imagens sólidas como pedras, rochas, faísca, turbilhão ou de natureza violenta como tempestades, temporais, alternadas com metáforas que sugerem tranquilidade como forma de superação, entre elas brisa, nuvem, água, mansidão entre outras. Uns versos ilustram essa dicotomia conflitante: “num mundo faísca/nasci turbilhão/a suavidade e o caos perpassam meu corpo na mesma sintonia/ você se mostra/e eu me decido/borboleta ou búfalo” (Leão, 2022, p. 47).

A imagem do sujeito lírico é desafiadora como resposta aos entraves sociais que bloqueiam as vias de realização pessoal, exigindo energia e força como forma de resistência.

A caracterização da autora em sua autodescrição como “negra” e “lésbica” corresponde a sua resposta ao preconceito que afeta os grupos sociais discriminados pela cor e pela opção sexual.

Como um trecho de versos em que parece ditar fórmulas de comportamento à mulher negra, o problema da cor torna-se evidente:

os encontros não são tão simples
nem tão despreziosos
saiba que se você for mulher será foda
se você for mulher preta
será mais foda ainda
(Leão, 2019, p. 35).

O termo popular “foda” que poderia ser apenas um palavrão adquire uma conotação diferenciada pela reiteração do termo: “mulher será foda” e “se for mulher preta será mais foda

ainda”. A palavra foda tem sua origem como forma regressiva do verbo foder. Mas no poema adquire o sentido de insuportável, de dificuldade, de sofrimento

Sob esse aspecto, a repetição do léxico e a cadência marcam a opressão da mulher e a violência frente a mulher preta. Daí o uso “foda” ganha uma dimensão não do grotesco, do exagero por associá-lo à condição social da mulher negra sobre a qual recaem duas formas de opressão social, a de ser mulher e ainda negra que carrega a dupla condição submissa às ordens de uma sociedade patriarcal colonizadora.

Assim, ao compor os poemas a autora responde a esse contexto social adverso e considera o público destinatário com o qual estabelece relações dialógicas. Portanto, o estilo poético dos poemas de Ryane, considerado na perspectiva discursiva, como postula Volóchinov (2019), dessa relação dialógica que se estabelece entre o sujeito criador/ o outro seu semelhante e o contexto social imediato que lhe é adverso e ao qual resiste.

Considerações finais

Após discorrer sobre a instapoesia como forma de arte de Ryane Leão, a questão que se coloca diante dessa produção consiste na mesma pergunta que é feita no Portal Fazia Poesia: qual seria o valor literário da instapoesia? Como entendê-la em relação à poesia em sua tradição canônica como gênero literário?

Refletindo sobre a questão dos gêneros discursivos e sua estabilidade relativa, como postula Bakhtin (2016), os gêneros sofrem alteração ao longo do tempo em função das novas necessidades no contexto social mobilizadas pela evolução econômica, social e tecnológica.

Os instapoemas correspondem a essa necessidade de expressão popular fora do sistema restrito a uma elite cultural selecionada. Ela corresponde a um movimento amplo, livre de manifestação espontânea de grupos sociais que buscam canais de compartilhamento expressivo para expor os conflitos sociais a que se encontram expostos. As novas instapoetas como Ryane Leão encontram nas redes sociais meios de expressão, colocando em evidência não apenas as questões subjetivas, confessionais, mas os conflitos sociais motivadores do drama existencial, decorrentes do preconceito, da discriminação, da exclusão...

Sob esse aspecto, a instapoesia possibilita a visibilidade das e dos instapoetas no compartilhamento de um tipo de arte acessível pela informalidade e pela natureza espontânea de sua produção e recepção. Como afirma Leila Rute também negra no blog Quilombo cibernético: “Ryane Leão é apenas mais uma das grandes mulheres que escolheram não silenciar, e ao fazer isso, ela abre caminhos para nós também não silenciarmos.”

Nesse sentido, os instapoemas compostos por mulheres substituem as cantigas de amigo pela difusão, pela exposição ampla nas redes sociais, substituindo também a figura do trovador que reproduzia a situação, as condições sociais das mulheres, os conflitos amorosos como ocorria na Idade Média. Esse deslocamento espaciotemporal é responsável pelas transformações avaliativas de conceitos estabilizados como o da poesia clássica que já havia se deslocado de um estilo formal para o informal, principalmente pelo Modernismo e pelo Concretismo.

Por outro lado, esse tipo de produção feminina revela o empoderamento das mulheres que se opõem a uma imposição figurativa da mulher desde os tempos coloniais. Esse tipo de produção poética mais popular e mais livre de grande circulação não se limita apenas às mulheres, mas também é produzida por homens que contestam o sistema impositivo de costumes.

Sob esse aspecto, os instapoemas de Ryane Leão cumprem esse papel, difundindo em linguagem simples, com imagens metafóricas de impacto, emoções e sentimentos silenciados no contexto social.

No caso específico de Ryane Leão, o estilo poético, marcado pela contraposição de imagens fortes a outras suaves como o subtítulo do livro sugere: “temporal e mansidão” percorrem toda a coletânea expondo a potência, a força da batalha que o sujeito lírico trava com as condições sociais e com os conflitos delas decorrentes. De outro modo, também revela em imagens mais tranquilas e suaves o sentimento amoroso com o qual convive internamente.

Esse tipo de produção poética diverge frontalmente das normas literárias tanto pela forma de produção, circulação e recepção e se torna um espaço de convivência e de fruição compartilhada, substituindo a literatura impressa, lida de modo solitário e silencioso. Portanto, no contexto industrializado e tecnológico, cada vez mais turbulento e participativo, a instapoesia toma o lugar da literatura clássica para os jovens leitores. As imagens visuais ilustrativas dos poemas estabelecem relações dialógicas significativas para esse público afeito à linguagem visual e sonora.

Sob esse aspecto, as imposições externas, próprias do contexto social agilizado pelos novos recursos tecnológicos e por uma sociedade heterogênea e discriminatória, o gênero poético sofre transformações, tanto do ponto de vista temático como do ponto de vista estilístico.

Os temas do sofrimento e da revolta motivados pelo contexto social são mais intensos e são expressos por imagens menos convencionais, mais diretas e simples de compreensão

imediate. Além disso, a associação de imagens visuais à linguagem verbal, torna os instapoemas uma variante genérica da poesia tradicional, tanto do ponto de vista temático e composicional quanto do estilo informal do gênero. Essa exposição mais livre e compartilhada pelas redes sociais permite manifestação de grupos sem recurso e sem espaço para expressar seus conflitos tanto pessoais como sociais. Novos nomes se destacam como o de Ryane Leão cujo sucesso de seguidores nas redes lhe deu visibilidade e condições de migrar para a versão impressa de seus poemas como tantos outros na atualidade. As imagens ilustrativas da autoria de Laura Athayde dialogam com a construção do sujeito lírico delineado de múltiplas formas: uma figura delicada ou uma mulher forte com as roupas típicas das afrodescendentes.

Retomando o conceito bakhtiniano do cronotopo, observa-se a adaptação dos instapoemas às condições sociais, ao novo público de fruição literária nas redes sociais, ao estilo inovador de cada autora e à possibilidade de construção poética multimodal incorporando outras formas de expressão. Desse modo o gênero é reformulado e reacentuado, possibilitando maior difusão de questões que, por meio da expressividade poética, revelam os conflitos, o sofrimento e o posicionamento valorativo de autoras que de outro modo estariam condenadas ao silêncio.

Referências

- ARRAES, Daniela. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/preta-e-lesbica-a-poeta-best-seller-ryane-leao-fala-sobre-seu-novo-livro>. 2019. Acesso em: 30 jan.2024.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1953].
- BAKHTIN, Mikhail. Arte e responsabilidade. In: BAKHTIN, Mikhail *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Marins Fontes, 2003, p. XXXIII-XXXIV.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920].
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução Paulo Bezerra, São Paulo: editora 34, 2018.
- CARNEIRO, Raquel; KUSUMOTO, Meire. *Cultura Instapoetas, o fenômeno que tirou a poeira da poesia* Jovens autores impulsionam o gênero na internet - e na lista de best-sellers. Veja, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/especiais/instapoetas-o-phenomeno-que-tirou-a-poeira-dapoesia>. Acesso em: 03 fev. 2024.
- DOMINGOS, Ana Karla de Souza Pimenta. *Fenômeno instapoesia: ativismo e poesia em Ryane Leão e Rupi Kaur*. 2021.156f. Dissertação. (Mestrado em Letras - Literaturas de Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_AnaKarlaDeSouzaPimentaDomingos_19380_Textocompleto.pdf. Acesso em: 03 fev. 2024

EDITORIAL do Portal Independente Fazia poesia. Disponível em:

<https://faziapoesia.com.br/instapoesia-um-marcante-fen%C3%B4meno-da-atualidade-e0cfb786de89> Acesso em: 7 jan. 2024.

FLORES, Leonardo. Literatura Eletrônica de Terceira Geração. *DATJournal*, v. 6, n. 1, 2021. Disponível em: <https://datjournal.anhemi.br>. Acesso em: 03 fev. 2024.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Tradução Susana Alexandria, 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEÃO, Ryane. *Jamais peço desculpas por me derramar: poemas de temporal e mansidão*. 8ª ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

LEÃO, Ryane. *Tudo nela brilha e queima*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

PENKE, Niels. #instapoetry. Poesia popular no Instagram e seus affordances (propiciamentos). *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Salvador, v. 24, n. 46, p. 250-273, jan./abr., 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20222446np>. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/730>. Acesso em: 04 out. 2024.

RUTE, Leila. Poeta preta, lésbica e best-seller: Ryane Leão. Disponível em: <https://quilombocibernetico.home.blog/2019/02/11/a-poesia-de-ryane-leao-identidade-sexualidade-e-solidao/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017[2019].

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch. A palavra na vida e a palavra poesia. In: *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, 2019, p.109-146 [1926].

*Recebido em 21 de fevereiro de 2024
Aceito em 07 outubro de 2024*